

IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA



ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA CAPITANIA DE MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII

José Flávio Morais Castro - joseflavio@pucminas.br ;

Minas Gerais, Regionalização, Geoprocessamento

A Cartografia sofreu e está sofrendo profundas modificações a partir do uso mais generalizado da tecnologia e vêm apresentando grande diversidade técnica e metodológica tendo no mapa a representação gráfica de padrões espaciais. Uma das vertentes importantes da Cartografia que vem utilizando tais recursos é a Cartografia Histórica. Mapas e textos históricos têm sido inventariados, catalogados, digitalizados e cartografados, permitindo análises espaciais dinâmicas fundamentadas em bases semiológicas e em técnicas digitais.

Os mapas históricos vem sendo objeto de interesse especial de variados pesquisadores de áreas diferenciadas, pela sua importância como registro de valores culturais da sociedade no espaço e no tempo. O uso das técnicas de geoprocessamento em mapas históricos tem se mostrado eficiente no resgate de importante patrimônio cultural da sociedade, evidenciando um riquíssimo instrumento de pesquisa e um poderoso instrumento didático-pedagógico.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a organização espacial da Capitania de Minas Gerais no século XVIII, à luz da Geografia Histórica, a partir da interpretação da descrição geográfica e cartográfica do memorialista histórico e cartógrafo, José Joaquim da Rocha, em 1778, e dos manuscritos do Desembargador José João Teixeira Coelho, escritos em 1782.

Segundo Maria Efigênia Lage de Resende (Rocha, 1995), “esses trabalhos têm como horizonte a mesma conjuntura, buscam o fundamento histórico para explicar a situação das Minas, propõem-se a instrumentar o poder político em função da melhor gestão fiscal, administrativa, política e econômica das Minas”. O primeiro voltado para o governo na Colônia e, o segundo, para o governante na Metrópole.

IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA

Das antigas de



As duas memórias são, também, registros de um primeiro momento, no qual a decadência das rendas reais deixa de ser tratada como uma questão de contrabando e sonegação fiscal por parte dos mineradores. O que nelas está presente é a idéia de que a crise é da mineração, da descapitalização dos mineradores e dos processos de minerar (Rocha, 1995).

Um dos grandes desafios da pesquisa é o de se identificarem as informações geográficas por meio de mapas, textos e manuscritos e tratá-las adequadamente, uma vez que a leitura de fontes históricas com o novo olhar contemporâneo de hoje é um exercício bastante difícil e complexo, o que requer uma base geohistórica. Desta forma, com o objetivo de mapear e tratar a informação espacial, foram gerados banco de dados socioeconômicos da Capitania de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. O Mapa da Capitania de Minas Geraes com a deviza de suas comarcas, de José Joaquim da Rocha, elaborado em 1778 (ROCHA, 1995), foi georreferenciado e vetorizado no ARC GIS®, criando-se layers dos atributos.

Embasado na interpretação da descrição geográfica da capitania de Minas Gerais (Rocha, 1995), recorreu-se à representação da hierarquia urbana e eclesiástica da capitania em 1778, adotando-se como base cartográfica o mapa atual do Estado de Minas Gerais e estabelecendo-se a associação dos topônimos antigos aos atuais. As rendas reais arrematadas e cobradas por contrato nos registros e nas passagens dos rios são os dízimos e os direitos das entradas, cuja localização foi identificada no mapa de José Joaquim da Rocha e também associada ao mapa atual.

Em levantamento realizado nos microfilmes da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), identificou-se o códice 643, folhas 204-217, que apresenta o cálculo da relação de rendimentos gerais nas passagens dos principais rios e anexas da capitania, em contos de réis, do ano de 1704 até 1799.

Do ponto de vista semiológico com o uso do geoprocessamento, as pesquisas vêm sendo desenvolvidas a partir dos croquis interpretativos: mapas exaustivos e coleção de mapas, que consistem na “desconstrução” do espaço e permitem análise de conjunto. Visando a identificação de padrões espaciais, os rendimentos das entradas nos registros foram representados em séries temporais por meio do Método das Figuras Geométricas Proporcionais.



IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA



Com base nas fontes analisadas, estabeleceu-se, exploratoriamente, uma regionalização da capitania em três categorias: agropecuária, relacionada à intensa ocorrência de fazendas na porção norte-noroeste da capitania; mineradora, caracterizada pela localização da capital, da cidade, das vilas cabeças de comarcas, paróquias, capelas e registros na área central da capitania, com prolongamento sul-nordeste, em conformidade com as altitudes mais elevadas e as ocorrências de ouro; e, indígena, demarcada na porção leste da capitania, com predominância de aldeias de gentios.

O estudo da temática histórica e da sua reconstituição espacial poderá oferecer importantes subsídios para pesquisadores ligados, por exemplo, à Geografia Humana (em suas vertentes históricas, demográficas, urbanas, entre outras) e à Geografia Regional, pois, a organização regional e a estrutura da rede urbana que se iniciou no período colonial, estão intimamente ligadas às rotas utilizadas por Bandeirantes, ao escoamento da produção das lavras das minas, à determinação dos limites administrativos de capitanias e comarcas e à evolução das cidades.